

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a difícil vida no circo: em Campinas, eles contam suas histórias. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP
CMUHE030543

Em Campinas, eles contam suas histórias
Atrás do picadeiro, a difícil vida

14 — CORREIO POPULAR

Domingo, 7 de fevereiro de 1982

no circo

*Texto Marcel Cheida
Foto Nelson Chinaglia*

Muita mágica e fantasia há nos circo. Mas, atrás das roupas coloridas do palhaço, da jaqueta brilhante do mágico e do apresentador, nos maiôs insinuantes das trapezistas e bailarinas estão pessoas comuns, com seu dia-a-dia conturbado e sobrevivendo com aquele trabalho.

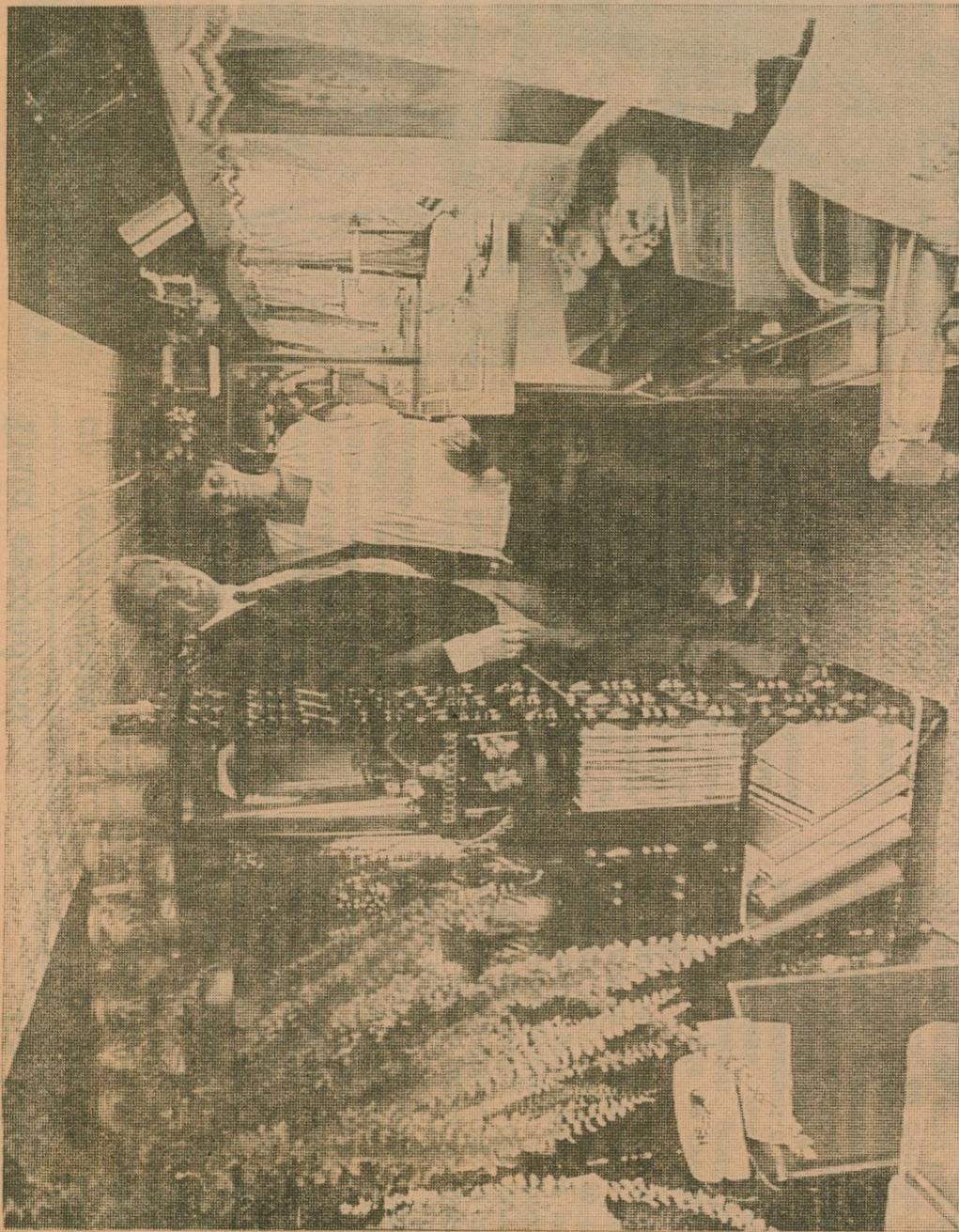
Em Campinas, o circo faz sucesso, segundo seus proprietários. Aqui o público é receptivo. Isto motivou a muitos artistas fixarem residência na cidade. Quando o circo chega, eles são procurados pelos empresários em suas casas para se apresentarem durante a temporada. Muitas vezes cansados de viajar todos os meses esses artistas passam a preferir um emprego mais seguro por isso param em algum lugar.

De outro lado, estão os que viajam com o circo. Vivem a vida nômade, a procura de melhores horizontes. Um exemplo disto é a família Batista, que acompanha o Circo de Moscou. São seis irmãos, trapezistas, bailarinas, ginastas e malabaristas. Só que além do sobrenome Batista, eles possuem uma peculiaridade: são irmãos do titular da Seleção Brasileira, Toninho Cerezo, jogador que teve seu nascimento e infância num circo e onde aprendeu os truques do palhaço.

Enquanto essa família vive viajando, o palhaço Tabuca preferiu ficar numa casa no Jardim São Vicente, aqui em Campinas. Tabajara Henrique ainda trabalha nas horas em que não monta painéis elétricos na empresa Thermo King num circo da periferia da cidade. Esta é a vida do artista do circo.



Tabajara Henrique de dia é operário



Gorky Novisky e família residem num confortável trailer. Nele, eles viajam pelo mundo com o Circo de Moscou.

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a difícil vida no circo: mais de 55 mil pessoas já viram Circo de Moscou. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030542

Mais de 55 mil pessoas já viram Circo de Moscou

Cerca de 55 mil pessoas já assistiram até hoje ao Circo de Moscou. Instalado no Parque Taquaral, seus espetáculos são diários. Contudo, diversos deles já foram vendidos para empresas de Campinas, que adquiriram horários para seus empregados assistirem com exclusividade às atrações inéditas.

Porém, a direção do Circo de Moscou e o CORREIO POPULAR prepararam para o público de Campinas uma promoção especial: hoje, o leitor poderá recortar os vales-brindes que serão publicados neste jornal e que darão direito ao portador ter livre acesso ao Circo na matinê das 10 horas. Mas esse vale somente poderá ser utilizado por crianças até 12 anos de idade. Já no dia 12, novamente os vales-brindes serão publicados. Só que dessa vez, recortado e apresentado na portaria do Circo de Moscou, o público e leitor do CORREIO de qualquer idade terá o direito de assistir gratuitamente três horas de espetáculo.

O Circo de Moscou está instalado no lado oeste do Parque Portugal. Os espetáculos são diários, de segunda a domingo. Às segundas, terças, quartas e sextas há sessões às 21 horas. Às quintas, às 16 e 21 horas. O mesmo horário aos sábados. E nos domingos, matinês às 10 e às 15 horas. Espetáculos à noite, às 18 e às 21 horas.

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a fíficil vida no circo: Tabuca, de dia é mecânico e de noite é palhaço. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Tabuca, de dia é mecânico e de noite é palhaço

O palhaço Tabuca nasceu num circo. Seu pai e avô também. Com 52 anos de idade. Tabuca ainda pratica números cômicos nos circos montados na periferia da cidade. Sua experiência é grande. Inclusive, foi ainda proprietário do Trans Ben Hur Circus, que durante 10 anos rodou pela América do Sul. Conheceu países e praticamente todas as capitais brasileiras.

Hoje, Tabuca não tem mais seu circo. Ele é contratado temporariamente para se apresentar em espetáculos noturnos ou em matinés nos finais de semana. Reside numa casa simples no Jardim São Vicente, aqui em Campinas e de dia trabalha numa firma mecânica. Na Thermo King, Tabuca se transforma no operário Tabajara Henrique, especializado na montagem de painéis elétricos.

Alguns circos, principalmente o pequeno, mambembe, sobrevive com esses artistas, que geralmente são contratados na cidade onde estão montados. E para continuar convivendo com o que mais ama na vida, Tabajara Henrique sempre aceita um convite para se apresentar num circo. Assim, consegue elevar um pouco mais seus vencimentos mensais.

— Eu gosto do circo, diz ele. Nasci num circo, onde meu pai fazia um número usando facões e fogo. Ele era índio nascido no Peru. Eu também sou filho de índio. Meu pai, conhecido com o nome artístico de Índio Jota, conseguia cortar uma banana com um facão nos ombros de uma pessoa, sem encostar a lâmina nela. Ele também tinha um número que ele engolia uma moeda em brasa.

E tendo essa história em sua vida, Tabajara garante que ela vive até hoje muito presente. Inclusive, seu maior sonho é ter um circo novamente:

— Um dia se eu conseguir ganhar na Esportiva ou na Loto monto um circo só para fazer meus números e apresentar para as crianças aqui de Campinas.

Atualmente, o palhaço Tabuca se apresenta no circo Xicuta, montado na Vila Georgina, onde ele faz números de malabarismo e humor.

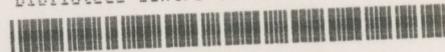
Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030536

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a difícil vida no circo: no picadeiro o casamento de Tim Davis. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030538

No picadeiro, o casamento de Tim Davis

Tim Davis é gerente e também o palhaço do Circo Xicuta, montado na Vila Georgina. Pai de duas crianças, uma de cinco anos que trabalha com ele em números cômicos, e uma de um ano, Tim Davis nasceu no circo, se criou e até se casou no picadeiro de um circo, o Guaraciaba, que está com suas lonas erguidas em Barão Geraldo, onde faz temporada.

Com 29 anos de idade e de vida circense, ele tem toda sua família trabalhando em circos. Inclusive, é seu primo um antigo ator de números de humor e atrapalhadas e hoje muito famoso Dedé Santana, um dos trapalhões amigos de Renato Aragão, Mussum e Zacarias.

A vida de Tim não é muito diferente de quem muito trabalha para sobreviver. Tem que cuidar da manutenção do Xicuta, mas de sua casa também. Mora num trailer com sua esposa, Rita de Cássia, responsável pelos números de ginástica de solo nos espetáculos.

Contudo, quando não cuida do circo, é ele quem fica nas filas de bancos e Prefeituras para pagar as contas de luz consumida pelos espetáculos e para regularizar pagamentos de impostos e taxas cobradas para que o circo possa se apresentar.

Tim também gosta de escrever algumas pequenas peças teatrais, já que o Xicuta é um circo teatro. A cada dia de espetáculo, há a obrigatoriedade de levar uma peça teatral diferente no palco para não cansar o público.



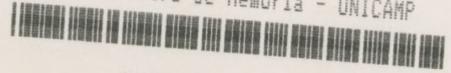
No Circo Xicuta, todos pertencem a uma só família de artistas e montadores dos espetáculos.

... e família de artistas e montadores dos espetáculos.

1983. Correio Popular, Campinas, 07 Jan. Áreas de piscicultura, o dilema da vida no circo: no plan-

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a difícil vida no circo: para gente do circo, lojas só vendem se for à vista. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030539

Para gente do circo, lojas só vendem se for à vista

A vida de artista de circo é um pouco dura. A burocracia marginaliza. Até para tirar a licença do ônibus, que é a nossa casa, temos dificuldade.

Falando com forte sotaque castelhano, o palhaço Bombilha, do Circo de Moscou, tenta contar as dificuldades que encontra em sua vida nômade pelos países da América Latina. Jean Claude Saavedra, de 40 anos, casado, pai de uma menina de quatro anos, é um dos responsáveis pelos números cômicos do Circo de Moscou.

A vida no picadeiro, no entanto, apaga os problemas e dificuldades do cotidiano de Jean. Ali ele esquece que quando chega numa cidade sempre é marginalizado. Até para comprar qualquer coisa num crediário é impossível.

— Tudo que a gente compra tem que ser a vista. A crediário não dá, porque as lojas não confiam em gente de circo.

Mas, ele conseguiu comprar uma televisão, fogão, máquina de lavar e geladeira.

Por mês, atualmente Jean ganha Cr\$ 80 mil. Com esse dinheiro, sustenta a família, adquire as roupas de palhaço — cada sapato de palhaço é feito por encomenda e custa, em média, Cr\$ 20 mil —, paga a manutenção do ônibus e também a gasolina que é gasta nas viagens.

Sua mulher, Maria Neide da Silva, ajuda em casa. Ela é quem costura praticamente toda a roupa usada pelos artistas, desde os macacões usados pe-

los auxiliares durante os espetáculos até a roupa do apresentador, o proprietário do Moscou, Gorky Movisky.

C A R I N H O

Contudo, durante as apresentações, Jean veste um vestido de noiva e, ladeado pelo noivo anão, faz uma enquete com dois amigos também palhaços. Ali no picadeiro, Bombilha esquece de tudo.

— Quando entro no picadeiro eu vivo o palhaço para fazer palhaçadas. O que faço, faço com muito carinho.

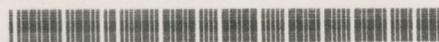
Fã de Cantinflas, o ator mexicano Mário Moreno, Jean também idolatra Charles Chaplin, que o inspira até hoje em suas mímicas. Sua escola, onde aprendeu o que sabe, sempre foi o circo. Ali ele conhece o comportamento do público, que num simples olhar que dirige, dá risadas.

Por gostar das palhaçadas, Jean pretende ser palhaço toda vida. E uma situação o empurra para isso. Sem poder pagar a Previdência Social, devido a sua condição de artista estrangeiro de circo, ele não terá aposentadoria garantida pelo governo, bem como atualmente não pode depender da assistência médica do Inamps.

Não gosta de política e não tem uma religião. Jean acredita em Deus e nele se sustenta: “Eu me apoio em Deus. Não me apoio em religiões, primeiro porque não dá tempo, trabalhamos muitos, principalmente aos domingos, dia de ir a Igreja. Mas, sempre estou pensando em Deus”.

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a difícil vida no circo: Goriky troca de roupa 30 vezes por espetáculo. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030541

Goriky troca de roupa 30 vezes por espetáculo

Enquanto a vida de artistas contratados de circos não é um mar de rosas, Goriky Novisky, proprietário do Circo de Moscou, pode ser considerado uma pessoa de posses. Com escritórios de representação até mesmo em Moscou, Capital soviética, Goriky conseguiu ganhar muito dinheiro sendo apresentador, mágico e encarregado do setor de relações públicas do Moscou.

Seu circo é considerado um dos maiores em temporada no Brasil. Já viajou quase todo o mundo. No Brasil, Goriky encontrou muita receptividade, como também no Uruguai, países considerados por ele como ideais para o circo.

Sua vida é de muito trabalho. Quando fala sobre a vida de circo demonstra toda emoção. Até para contar que os filhos dos artistas, que viajam periodicamente, têm direito a estudar em qualquer escola do governo.

— Existe uma lei, a qual todas as escolas estaduais e municipais conhecem, que obriga-as a manter vagas para filhos de artistas de circo.

Em seu ônibus, ou casa, como ele prefere dizer, Goriky tem todo conforto. Desde um barzinho com bebidas nacionais e estrangeiras, até a decoração do teto do veículo, feito artesanalmente.

Durante o dia, ele é obrigado a cuidar de detalhes e problemas do circo. À noite, para acompanhar todo o espetáculo, fazer a apresentação em oito idiomas e realizar o número de mágicas, Goriky é obrigado a trocar de roupas 30 vezes.

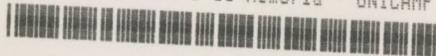
Com três filhos, nascidos em países diferentes, Goriky sempre está bem vestido, usando ternos alinhados. Cabelos claros, sotaque carregado em castelhano, ele também vem de uma família de artistas de circo.



Jean Saavedra é o palhaço Bombilha, do Circo de Moscou. Sua esposa, Maria Neide, é a costureira das belas roupas usadas pelos artistas

CHEIDA, Marcel. Atrás do picadeiro, a difícil vida no circo: público de hoje não aceita mais peças antigas. Correio Popular, Campinas, 07 fev. 1982.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030540

Público de hoje

não aceita mais

peças antigas

“Hoje o público é mais exigente. As antigas e constantes peças como “Quem Beijou Minha Mulher?”, ou a chanchada “O Diabo Perdeu o Rabo” são bastante conhecidas por quem frequenta circos. Hoje, o público quer mais violência, sangue. Por isso estou escrevendo uma peça envolvendo esses temas. Mas, nosso circo tem um número exclusivo. Há o mágico Dukony que tem um truque que ele serra uma mulher e sai sangue para todo lado. Vou trazer aqui. É Tim Davis quem comenta.

Lembrando ainda que a maioria dos números é feita para crianças, Tim diz que faz muito espetáculo humorístico. Porém, tem que ser inédito, porque “o povo está cansado das mesmas coisas”.

O motivo dessa exigência por parte do público, explica ele, é que a televisão “mexeu com a gente. A televisão sempre apresenta números rápidos e diferentes, por isso, quando o povo vem no circo, também exige números rápidos e diferentes”.

A vida das seis famílias de artistas e trabalhadores braçais especializados no Circo Xicuta não é farta. Semanalmente, as atrações conseguem que o público deixe Cr\$ 120 mil, em média, nas bilheterias. Por isso, as 20 pessoas que integram o Xicuta moram com simplicidade. Em trailers montados por eles mesmo ou em ônibus adaptados. Gastam muito com o circo, o que sobra dá para a alimentação e vestuário. Isto porque eles têm uma vantagem: não pagam aluguel, consumo e água e impostos urbanos.